

As relações de sucessos nas origens do jornalismo

aproximação ao mercado informativo na Lisboa do
século XVII*

Antonio Jesús Alías Bergel

Investigador. Universidade de Sevilla

A Carmen Espejo Cala

Estas novas novidades
Mudanças e grandes feitos,
Em papas, reis, dignidades,
Em reinos, vilas, cidades,
Vimos feitos e desfeitos.

GARCIA DE RESENDE – Miscelânea, 1554

A [Relação] *Das festas qve se fizeram na cidade de Lisboa, na entrada del Rey D. Philippe primeiro de Portugal*, escrita pelo mestre Afonso Guerreiro, foi uma das primeiras informações impressas publicadas após o real acontecimento de 1581 e a última crónica sob o seu nome antes da sua repentina morte¹.

* Este artigo é resultado de uma parte dos estudos de pesquisa levados a termo na Biblioteca Nacional de Lisboa entre os meses de Julho e Outubro de 2003 sob o título «O mercado da informação na Lisboa do século XVII: relações de sucesso, informadores e impressores de Lisboa». O projecto desenvolveu-se com o apoio de uma bolsa de pesquisa financiada pela Fundação Calouste Gulbenkian.

¹ Afonso Guerreiro esteve ligado, como muitos homens de letras da sua época, ao mundo eclesiástico. Tendo pertencido à Ordem dos Jesuítas, exerceu a sua actividade como prior na Igreja de São Cristóvão de Lisboa. A sua conhecida devoção pelos livros e a literatura – e apesar de outras obrigações, pois também foi pastor de ovelhas – fazia com que se retirasse para um campo próximo de Lisboa, lugar onde morreu violentamente em 1581, às mãos de uns homens que tinham o propósito de o roubar (vide MACHADO 1965-67:1, 38).

Esta relação – para além de ser um documento meramente informativo, mas de carácter comemorativo e cerimonioso – começou a circular pela cidade e noutras localidades importantes do reino, o que propiciou, de certa maneira, o aparecimento de um mercado informativo², bem como o começo de uma nova etapa nas relações históricas impressas entre as coroas de Portugal e Castela. A sucessão ao trono português, a sua negociação nas cortes de Tomar nesse mesmo ano e a definitiva entrada de Filipe II de Espanha em terras lusas foram acontecimentos importantes e transcendentais mudanças para o devenir histórico de ambos os reinos. Os símbolos do poder, representados agora em emblemas, escudos e estandartes castelhanos, despertaram entre os portugueses os fantasmas do passado e o declínio irremediável de uma independência pela qual tantos anos combateram contra Castela. Perante uma forte crispação social que tinha o intuito de não se extenuar nunca, as lógicas transformações – consequência directa da união de reinos sob o mesmo rei – revolucionaram não apenas o terreno político e social (interesses comerciais, vinculações políticas,...), mas também algumas das estruturas da cultura e os costumes dos portugueses viram-se profundamente alterados.

A avalanche informativa³, propiciada pelos festejos e celebrações pela chegada de um novo rei ao vazio trono luso, ofusca claramente o mercado de notícias e toda a organização em torno da sua imediata produção. Até esse momento a informação, tanto a que chegava à Corte como boletim oficioso como os boatos que corriam de boca em boca, materializava-se em papéis manuscritos que se vendiam largamente no Terreiro do Paço e

² No século XVI as relações de naufrágios eram muito conhecidas, tendo-se convertido num género muito trabalhado pelas letras portuguesas por causa da sua inevitável vinculação ao mar. Um exemplo é a *Relação do lastimoso Naufrágio da Nau...*, de 1556, em que «para satisfazer a curiosidade de notícias e para divulgar os naufrágios sensacionais, pelo grande perigo corrido ou pelo heroísmo revelado, surgiu um género literário novo, a relação dos naufrágios, folha volante, que, pela repetição e actualidade, se aproximava um pouco do carácter periódico e noticioso do jornal moderno. Era um jornal sinistro que só pretendia divulgar as fúnebres notícias das mortes, incêndios e mil misérias que corriam no mar os que se aventuravam a essas longas travessias.» (FIGUEIREDO 1917:384; cfr. SAMPAIO 1929-42:3, 220-236).

³ Não só no reino de Portugal a informação que narrava este facto difundiu-se em impressos e relações de festas ao longo do território peninsular e em grande parte dos reinos europeus. As raras visitas dos Filipes à corte de Lisboa no século XVII foram motivo de notícia e a sua consequente publicação em inúmeras relações de sucesso. Sobre este assunto consulte-se Sanz Hermida (2003:289-319).

⁴ «[...] a vida urbana concentrava-se junto ao Tejo, no Terreiro e na zona da Ribeira, onde se fixaram também as casas e estabelecimentos de comércio com o Império e onde residia

nas ruas próximas da ribeira do Tejo⁴. De facto, a *Relação da Visita q[ue] el Rey Phelipe Primeiro fez*⁵... foi uma de tantas relações em que se conta outro dos episódios-sequela da entrada do católico monarca em Portugal. Levada do seu original impresso para um manuscrito, a notícia deve ter penetrado na órbita da produção de notícia até chegar à sua venda (ou não) nos estreitos becos de Lisboa. Neste sentido a difusão de papéis sobre o assunto nas ruas parece complexa. Embora a configuração urbana da cidade em bairros dependentes de uma freguesia ou igreja facilitasse a divulgação da informação comercializada e cochichada – pois era nos seus arredores onde decorria a vida quotidiana –, os espaços públicos abertos e praças tornaram-se lugares para a comunicação e a troca de *novas*. Uma autêntica rede de comunicação urbana em cujo centro principal se destacava a concorrida Praça do Rossio, a Rua Nova e o Largo do Pelourinho Velho, zonas ligadas entre si (e estas por sua vez com a zona portuária do Terreiro do Paço) por serem o palco da actividade mercantil e de lazer da cidade. Ali, impressores e escrivães concentraram o mercado das letras e o ofício da escrita mais importante de todo o reino. Os tipógrafos mais conhecidos abriram a suas oficinas à vista pública, relegando para os bairros mais periféricos as imprensas modestas de pouca tradição familiar. Sermões, preces, calendários, estampas e folhas soltas – entre os quais se podiam distinguir comédias espanholas, canções populares,

a Corte e os grupos mais abastados e influentes, em termos políticos e socioeconómicos. Para o interior ficava o Rossio, outro ponto de intensa actividade» (RODRIGUES 1997).

- ⁵ Esta relação conservada na Biblioteca Nacional de Lisboa não é uma cópia do original que o autor costumava preparar para a sua entrega ao prelo. Para preparar a edição impressa, quer o autor quer o impressor necessitavam de uma cópia escrita à mão e a limpo como modelo e guia de trabalho. Este seria o estádio manuscrito mais próximo da versão que sairia das imprensas (vide GARZA MERINO 2000:65-66). A visita de Filipe I de Portugal a Dona Catarina, duquesa de Bragança, parece um claro exemplo de uso e apropriação de certa informação, pelo que o resultado manuscrito formal é similar à forma do seu original impresso copiado. «De la circulación manuscrita se podía pasar a la impresa cuando se quisiera obtener una difusión amplia de textos que programáticamente se querían cerrados sobre sí mismos [...]; de la impresa sería posible pasar a la manuscrita cuando lo buscado fuera actualizar, en lección de corte o en devoción, los textos de molde [...] Quien buscara separarse egregiamente de la vulgaridad común de los impresos, todos iguales para todos, podía refugiarse en la incipiente bibliofilia que animaba a poseer las ediciones más raras y los manuscritos más preciosos.» (consulte-se BOUZA ÁLVAREZ 2001:82-83).
- ⁶ A maioria dos impressores chegava de fora com o propósito de conquistar um lugar no potente mercado tipográfico da Lisboa do século XVII. Em alguns casos estes impressores traziam consigo as suas oficinas herdadas dos seus progenitores; muitos deles, porém, não podiam suportar as despesas para a compra de uma oficina e, portanto, começavam as sus carreiras como impressores ocupando um posto baixo nas oficinas de impressores mas com um grande reconhecimento. Após se terem tornado



DAS FESTAS
QUE SE FIZEM
ram na cidade de Lisboa,
na entrada del Rey D. Phi-
lippe primeiro de Por-
tugal.

¶ Por Mestre Affonso
Guerreiro.

¶ Impresso com licença do Con-
selho Real, & Ordinario.

EM LISBOA.
Em casa de Francisco
Correa.

Taxado a rs, em papel.



romances ou relações de sucessos – eram os produtos que mais se vendiam com o intuito do sustento próprio e o fim de toda a dívida⁶.

A insistência de Bouza (BOUZA ÁLVAREZ 2001) de que a produção impressa nos finais do século XVI não deixa num segundo plano o mercado manuscrito provém da relativa autonomia que mantêm ainda os papéis escritos à mão sobre as notícias saídas de imprensas. Portanto, é nestes anos que Portugal continua à procura de uma saída melhor para a produção e difusão informativa impressa e, por conseguinte, a consolidação de um mercado informativo forte semelhante ao de outras regiões do continente europeu. O fortalecimento deste mercado a meio caminho entre os séculos XVI e XVII no âmbito peninsular permite afirmar a existência de uma «*circulación de textos desde su producción por distintos autores a su consumo por el público lector, pasando por intermediarios como impresores, copistas y libreros*» (BOUZA ÁLVAREZ 1999:84). Uma série de filtros por que a informação passou desde a sua origem no acontecimento, passando pela oralidade⁷ ou o apontamento manuscrito, até à sua concretização impressa. Cada um destes filtros podia supor um veículo de transmissão independente, pelo que algumas informações podiam chegar das maneiras mais diversas aos seus correspondentes públicos⁸.

Não obstante, tipografia e poder parecem fazer parte da estratégia política e propagandística que Filipe II – agora I de Portugal⁹ – levaria a termo para dominar o seu novo território. A festa como propaganda do próprio acontecimento e a informação dela resgatada são instrumentos evidentes para a constituição de uma «boa» imagem por parte do monarca e, desta maneira, atingir e influir sobre um povo, as pessoas mais simples, e converter em sujeitos propícios todos aqueles que viram com desconfiança a sua coroação como monarca português. Este

independentes e terem organizado os seus trabalhos como impressores com prelos próprios, os custos de algumas edições volumosas e de grande tiragem corriam a cargo de outras pessoas – supostamente interessadas no produto a publicar – que passavam a ser os editores da obra. Esta maneira de trabalhar diz-nos como era difícil manter este tipo de negócios e os poucos benefícios recebidos nos seus inícios.

⁷ «[...] La lectura en voz alta de los textos manuscritos parece haber sido especialmente importante en el caso de papeles de relación, textos en prosa o en verso en los que se daba cuenta de inmediato de algún suceso que se hubiera producido y que, normalmente, podían acabar llegando a las prensas convertidas en pliegos sueltos o en relaciones de sucesos» (BOUZA ÁLVAREZ 2001:73).

⁸ Algumas notícias não chegaram nunca aos prelos, pelo que a sua difusão foi devida à via oral dos analfabetos ou ao manuscrito para os instruídos na leitura.

⁹ Sobre a propaganda escrita na Sucessão de Portugal, vide Bouza Álvarez (2000:39-60).

¹⁰ «[...] folhas volantes, que entre nós se denominaram relações de novas gerais ou apenas relações ou notícias avulsas e surgiram nos fins do século XVI, ou seja desde os primeiros anos da dominação espanhola» (TENGARRINHA 1989).

momento transcendental coincide com uma catarse informativa, construída já em notícia sob moldes e tinta rápida¹⁰; oportunidade que serviu para que muitos impressores conseguissem rendas benéficas em alguns casos, e em outros para estabelecer um novo prelo.

Foi na casa de Francisco Correia que se materializam os factos de 1581 *Com priuilégio Real* em 59 folhas impressas de que consta a recompilação ou memorial informativo¹¹ que o mestre Afonso Guerreiro escreveu com toda a dedicação. A custosa redacção dos factos pelo seu autor não contradiz a ideia de uma intervenção da figura do impressor em funções de editor para a constituição daquilo que será o produto informativo final. Do imenso cuidado nas suas formas, o excesso ornamental da capa e até da consideração de contar por capítulos o percurso do novo monarca (desde a sua nomeação em Tomar até à sua entrada em Lisboa), podemos observar um certo cuidado com vistas a uma boa comercialização desta relação, que escapa ao mundo da folha solta e da notícia fácil¹². O importante trabalho de autoria que vemos aqui não surpreende, pois o facto de escrever de maneira minuciosa e levar os acontecimentos para o papel responde à necessidade de encontrar um estilo próximo e lhamo – similar ao de uma crónica jornalística actual (mais ágil e preciso) – para contar, não apenas a atmosfera, mas também todos os actos, coisas curiosas, reacções e, em definitivo, tudo quanto o leitor requeria para reconhecer e recordar na sua leitura a celebração. Contudo, é sem dúvida o expresso interesse por transmitir os acontecimentos aquilo que traz consigo importantes dados acerca da própria preparação da notícia. O estilo na redacção desta relação aproxima-nos de uma certa elaboração informativa, de um trabalho próprio do jornalismo. O autor avisa, numa nota dirigida *Ao Lector*, uma parte do porquê e o como do seu trabalho de «notar todas as couças & cōtaldas así & da meneira que pařaram»:

Tentei (curio]o lector) a rogo de amigos presentes, & absentes, fazer este memorial das festas & ornamentos, que na cidade de Lixboa se fizeram

¹¹ Não vou entrar em discussões e diferenciar entre relações de folha solta ou de livro. Afinal de contas, trata-se de informação impressa. Para mais conhecimentos sobre este assunto vide López Poza (1999).

¹² Acerca a distinção actual entre «notícias sérias» e «notícias entretidas» que propõe Henry Ettinhausen para diferenciar a temática e o conteúdo de algumas relações de sucessos, devo apontar que já no século XVII existia uma denominação diferente para as relações segundo os seus conteúdos. *RELAÇÕES MODERNAS* são aquelas que contêm temas políticos e de maior seriedade; *RELAÇÕES VULGARES* são aquelas que se aproximam perigosamente da Literatura pelo seu tratamento fantástico, quase sensacionalista, mas que eram vendidas como jornais populares (vide ETTINHAUSEN 1993).

na entrada do muito alto & muito poderoso Rey D. Philippe primeiro do Portugal. E posto que a obra por minha parte não tenha merecimento da louvor, así pello pouco engenho que nella se vé, & menos stylo de que vai ornadao menos por a invenção dos que as fizerão deſejei enculcalas por de muita curiosidade. E por ſerem tais quis mui meuda & particularmente notar todas as couſas & cōtalas así & da maneira que paſaram. Nas quaes vão nomeados & difcriatos os arcos, & edificios cō ſuas formas, & figuras declaradas conforme ao intento dos authores. E os verſos na lingos em que foram poſtos, com declaraçam da noſſa Portugueſa, pera as peſſoas que os não entendeeme. Não peço perdão ao docto lector dos erros de faltas que pode notar, porque abreuidade do tempo (por ſatisfacer depreſſa a deſejos de muitos) me deſculpa de não ter lugar de os examinar, & limpar como deuia. E pella meſma causa não vão juntamente impreſſos os retratos & dibuxos dos arcos, & historias que em nelles auia. Mas como o fauor diuino, nas ſeguentes impreſões se emmendara hũa couſa, & acrecentara outra. Receba pois o curioſo lector agora estas primicias maduras, pera ſatisfacer ao apetito deſta noua fructa, que por ser pouco vſada podera dar recreação aos que não virão, & ainda aos que forão preſentes, que não puderão ver, & novas tudas em particular como aquí vai declarado. O que buſquei com tanta diligencia, que cuido que nada falta do que se fez, poſto que falte todo o luſo, com que o eu deuia ordenar.

Estas palavras contêm dados surpreendentes sobre o seu *modus operandi* e a justificação da sua criação pelo seu próprio autor. Um manifesto (pré-)jornalístico em todo o seu sentido que põe em relevo o tempo como inimigo da redacção informativa, a procura que tiveram os acontecimentos e a intenção de emití-la com a máxima celeridade. Estamos perante alguns dos elementos necessários para a comunicação e a circulação da mensagem informativa num mercado. A inclusão destas palavras como aviso ao leitor antes da informação consegue que as relações de sucesso abram caminho para uma nova forma de fazer informação, de construir notícias, marcando assim o progressivo abandono da *crónica histórica* medieval enquanto género informativo-histórico a favor de um produto ligado a um sentido mais comercial (e mais largo na sua difusão, claro) conforme os novos tempos desta Idade Moderna¹³.

¹³ As evidentes ligações das relações de sucesso com as epístolas e as crónicas medievais podem esclarecer a origem da informação escrita e impressa e uma antiga importância do acontecimento para além dos limites históricos. Para esta questão consulte-se Pedro M. Cátedra (1996).

A nobre ambição de adquirir novas notícias (MACHADO 1965-67)

Na complexa teia deste mercado, a figura do autor¹⁴ era determinante. Sem poder recorrer à palavra *jornalista* para designar o trabalho de informar, os autores de notícias em folhas soltas impressas eram conhecidos na sua época como *gacetilleros* ou *relatores*. No entanto, no mundo das Letras ocupavam uma segunda categoria, pois costumavam ter uma má reputação – seguramente pela sua esperteza e perícia na altura de negociar ou conseguir notícias e histórias novas para contar. Porém, é preciso tomar em consideração alguns dados esclarecedores – e paradoxais – acerca do papel desempenhado pelos autores de sucessos e a configuração das folhas como género informativo e tipográfico.

No início do século XVII, a maioria das pessoas letradas eram oriundas de famílias de renome vinculadas de alguma maneira com a Corte e a Igreja. De mãos de prelados, priores, freires, cavalheiros nobres, altas figuras do exército, administrativos reais, cortesãos ou dos próprios impressores vieram à luz muitas informações que passaram pelos prelos, o que significava para eles, os impressores, um certo reconhecimento e uma maneira de serem considerados homens de letras. No contexto literário do novo século, publicar significava escapar ao anonimato, bem como uma porta de saída da vida boémia, marca que distinguia pequenos poetas e escritores, obrigados como estavam em muitos casos a levar uma vida humilde. A prosa erudita da *Crónica* era o trilha a seguir naquela altura por todos aqueles homens com ânsias de reconhecimento. Dentro deste panorama, torna-se necessária a referência ao humanista tardio Manuel Faria e Sousa. A sua omnipresente e decisiva obra e os elogios de frutífero escritor fizeram com que muitos escritores contemporâneos se lançassem no vertiginoso mundo da informação, abandonando alguns deles ofícios mais dignos do seu nome¹⁵. Tudo isto tem muito que ver com a

¹⁴ Ao contrário das relações de sucessos espanholas, nas capas daquelas provenientes de Portugal aparecem os nomes de quem as escreveu. A dimensão da autoria nestes pequenos impressos foi significativa e diz-nos muito acerca do perigo de dizer e escrever sobre o regime monárquico dos Áustrias.

¹⁵ E casos contrários como o de Garcia de Resende, que no início do século XVI fez famosas as suas crónicas (informativas) versificadas em décimas da sua célebre *Miscelanea, variedade de histórias, costumes, casos e cousas que em seu tempo aconteceram* (...em Évora em casa de André de Burgos, impressor do Cardeal infante, 1554 e reimpresso por Simão Lopes em 1596, por Jorge Rodrigues em 1607 e em 1622 em Lisboa por António Alvares), quando apenas era o moço do rei D. João II e carecendo de qualquer formação letrada (vide MACHADO 1965-67:2, 327-329).

perdurável tradição do cronista peninsular. Seguramente – e como já referimos – todos estes homens consideraram a crónica como um género nobre e sob esta denominação publicaram muitas das suas obras. A crónica tinha sido cultivada desde a Idade Média, tendo funcionado como uma informação histórica de personagens e acontecimentos. Sem dúvida, os ditos *gacettilleros* ou *relatores* compreenderam melhor do que ninguém que as relações de sucessos e as notícias volantes partilhavam alguma coisa deste género; a derivação moderna de um género caído em decadência e em desuso. No século XVII português quase não existiram autores que não cultivassem ambos os géneros e não partilhassem a impressão de que História, Literatura e Informação estavam mais enredadas do que nunca.

Seguramente, na mente de Francisco de Abreu deviam estar presentes muitos destes aspectos na altura de trabalhar com informações. Escritor reconhecido da primeira metade do século XVII, esteve ligado ao mundo da informação escrita durante toda a sua vida. O número de relações de sucessos que saíram da sua pena desde 1610 é considerável e devem ter corrido com grande fama por muitos locais e círculos nobres sem necessidade de estarem impressos. Talvez as severas restrições com que Filipe III de Portugal (e IV de Espanha), mediante Carta Régia em 1627¹⁶, limitava a impressão e venda destas folhas informativas (e, de passagem, tornava vigente o poder ausente de um monarca preocupado pela sua corte de Madrid) fizeram com que a publicação das duas únicas relações impressas deste escritor (sobre este assunto SAMPAIO 1929-42) fosse uma coisa precipitada e perigosa. Daí o inteligente pseudónimo de Abreu, mediante o qual se resguardava Manuel Severim de Faria dos castigos impostos. Definitivamente, a partir desse mesmo ano, as relações de sucesso e as restantes folhas de notícias passam a ser controladas através de uma lei já existente no Livro 5.º, Título 102, das *Ordenações do Reino*. Da mesma maneira, a pragmática de 26 de Janeiro de 1627¹⁷, ordenada pelo monarca para Espanha e Portugal, responde a uma necessidade de controlar os

¹⁶ «De alguns anos a esta parte se tem introduzido nessa cidade [de Lisboa] escrever e imprimir relações de novas geraes – e porque em algumas se fala com pouca certeza e menos consideração, de que resultam graves inconvenientes, ordenareis que se não possam imprimir sem as licenças ordinárias, e que antes de as dar se revejam e examinem com particular cuidado» (cit. em SAMPAIO 1929-42; TENGARRINHA 1989:30).

¹⁷ «Por se evitarem os inconvenientes que se podem seguir de se imprimirem em nossos Reinos e Senhorios ou de se mandarem imprimir fora deles livros ou obras feitas por nossos Vassallos, sem primeiro serem vistas e examinadas, mandamos que nenhum morador nestes Reinos imprima, nem mande imprimir neles nem fora deles obra alguma, de qualquer matéria que seja, sem primeiro ser vista e examinada pelos

movimentos do mundo informativo e à capacidade de alguns destes impressos para influir rapidamente na opinião pública. «E qualquer Impressor Livreiro ou pessoa que sem a dita licença imprimir ou mandar imprimir algum Livro ou obra, perderá todos os volumes que se acharem impressos e pagará cinquenta cruzados, a metade para os cativos e outra para o acusador» (TENGARRINHA 1989:30). É por isso que, nestes anos perigosos para a informação impressa, a capa e a notícia manuscrita serão de novo a via principal e segura para comercializar sucessos.

A conhecida *Relação Vniversal do qve svccedeo em Portugal & mais Provincias do Occidente, & Oriente*¹⁸, de Manuel Severim de Faria, mostra-nos um outro claro exemplo de um trabalho jornalístico prematuro através destas palavras do seu prefácio:

Pedeme voſſsa merced nouas do Reyno, Corte, & mûdo, dizêdo q todas ellas vê a parar neſta Cidade de Lisboa, praça geral do vnuerſo: breuemente apôto as q puede alcançar; para qve a v.m. ſobre os regalos deſſe entre Douro, & Minho, lhe não falte couſa de aliuio, & de goſto. Vimos, o anno a tras, a poderosa liga em que, ficauão vnidos cõtra Eſpanha, os Reys de França, Inglaterra, Dinamarca, Suecia, Duque de Saboya, com as Senhorias de Veneza, Eſguiçaros, Olamda, & outros Potêtados, emulos de grandeza desta Monarchia, de todos foi Deos ſeruido de (neſte anno de 1626.) dar a ſua Mageſtade tam inſignes vitorias, q para ſe referirẽ pedião grandes volumes, & não a eſtreiteza deſta Relação, porem (com abreidade poſſiuel) darci de todas baſtante noticia, como quem descreue o Mundo em pequena Taboa.

Deste texto se desprendem mais algumas chaves para interpretar com clareza algumas questões relativas ao trabalho de fazer notícias:

desembargadores do Paço, depois de ser vista e aprovada pelos oficiais do Santo Ofício da Inquisição. E achando os ditos desembargadores do Paço que a obra é útil para se dever imprimir, darão por seu despacho licença que se imprima, e não o sendo, a negarão...» (cit. em TENGARRINHA 1989:30). Consulte-se Reyes Gómez (1999).

¹⁸ Durante algum tempo esta relação foi considerada como o primeiro jornal português por conter informações de todo o tipo de muitos cantos do planeta. Se tomarmos em consideração as diversas edições realizadas em outras cidades portuguesas meses depois da sua publicação, podemos concluir que o seu sucesso foi certo: a primeira foi impressa em Lisboa em 1626 e reimpressa em Braga já em 1627. Uma segunda parte, publicada em Évora em 1628, indica a elevada procura da obra e a sua boa comercialização (consulte-se TENGARRINHA 1989).

1.º Trata-se de informações encomendadas por alguma personagem nobre; assistimos, portanto, a um pedido de informação directa e elitista, pelo que supostamente, na sua origem, estava destinada em forma de carta a este nobre. No entanto, tendo sido publicada através da imprensa, pode tratar-se de uma estratégia do autor-editor para criar marcas de veracidade no que diz respeito à origem da informação contida. Desta maneira, com aparência de carta, se garantia a sua venda, recuperando a importância da carta privada manuscrita (agora impressa) para a troca de notícias (vide GARCÍA DE LA FUENTE 1996; ESPEJO 2002a).

2.º Ilustra-nos acerca das funções que a informação pode ter desempenhado no século XVII. O entretenimento ou o prazer derivado da leitura de notícias indica-nos como terão sido, em certa maneira, a recepção e o consumo de informações. Temos de tomar em consideração que as notícias guardadas nesta relação respondem a uma informação que classificaríamos como sendo séria (política internacional, nacional, guerras, batalhas, acontecimentos reais, etc.) e, por conseguinte, a ideia de que as relações sérias eram assimiladas numa perspectiva formal e sensata, face às «amenas» relações de sucessos de carácter mais popular, pode não ser tão clara.

3.º O método de trabalhar e recompilar notícias já existentes aproxima-se bastante da figura de um redactor de jornal que recorre às agências informativas para obter a informação. «[...] brevemente apõto as q puede alcançar»: o acúmulo de informações vindas de fora que consegue Severim de Faria não é fácil. Os contactos com os correios de algumas zonas da Europa e a sua capacidade para reunir o que corre por Lisboa («[...] nouas... q todas ellas vñ a parar ne[sta] Cidade de Lisboa, praça geral do vniuer[so]») ilustram-nos acerca de quanto pode ter de documentalista este escritor. Isto não deve ser confundido com a consecução directa das fontes de informação, que naturalmente não são directas. Por fim, a tarefa de reduzir brevemente a informação ao seu aspecto mais essencial faz com que nos encontremos perante uma relação de cerca de 50 notícias, em que se salienta sempre o lugar, os protagonistas dos factos acontecidos e, claro, a data. A dispersa cronologia com que trabalha, sem ordem nem continuidade nem periodicidade, avisa-nos que ainda não podemos afirmar a existência de um jornalismo moderno. No entanto, esta informação, conservada desde meses atrás, é aproveitada para ser publicada desde a actualidade, linha a seguir em todos os papéis informativos nos anos posteriores à Restauração da Independência.

4.º A variedade de temas como precursor das seccões informativas.

O papel destas pessoas dedicadas ao mundo da informação e comunicação não foi distinguido na sua época, mas foi fundamental e necessário para manter viva a circulação de notícias, bem como muitos dos negócios que dela dependiam. Recordaremos sempre as grandes obras literárias e históricas escritas por estes homens, porém as suas «obras jornalísticas» e o seu trabalho como *relator* aparecerão relegadas para o fim das suas biografias, como entretenimentos intelectuais esporádicos.

Informação de campanha ou a guerra dos papéis: propaganda política e manipulação bélica nas relações de sucessos portuguesas

«[...] os portugueses fizeram um uso ágil e maciço das hipóteses que oferecia a tipografia para dar a conhecer e justificar a sua atitude em 1640» (BOUZA ÁLVAREZ 1997:42-45). Entre a escrita impressa e a propaganda, as relações de sucessos tornaram-se, através dos seus conteúdos, num importante meio para a difusão ideológica, numa hábil estratégia de domínio e poder¹⁹. Não há dúvida do protagonismo que tiveram todos estes documentos *apanfetados* no conflito armado entre portugueses e castelhanos. Nos primórdios da década de 40 do século XVII, o uso do papel impresso propriamente como arma de arremesso (mais do que como relatório de guerra) contra os interesses do inimigo – e com o evidente propósito de minar o entusiasmo do povo vizinho – fazia parte das perícias e tácticas do exército português. No campo de batalha contava-se de antemão com os resultados obtidos pelo impacto emocional das relações, antes do confronto corpo a corpo. Deitar mão a estes impressos tornou-se numa estratégia tão imprescindível que, em muitas ocasiões, a vitória ou a derrota dependia directamente do êxito atingido pela propagação de informação, na maioria das vezes manipulada. Conscientes do poder da informação, as imprensas portuguesas e castelhanas distribuíram pelo território peninsular tal quantidade de relações sobre batalhas perdidas e vitórias que é difícil levar a termo uma contagem do seu número exacto²⁰. No entanto, sendo o

¹⁹ No artigo «La Extremadura Española en la Biblioteca Nacional, Lisboa: Notas para un catálogo de Gacetas, Relaciones y otros impresos útiles para la historia de Extremadura, 1640-1668» pode consultar-se um pequeno catálogo com relações várias sobre o conflito bélico entre Espanha e Portugal (CORTÉS CORTÉS 1987).

conflito entre dois adversários, a batalha psicológica estendeu-se para fora das fronteiras ibéricas, chegando os papéis lusos aos cantos mais convulsos da Europa²¹.

No dia 2 de Abril de 1642, poucos meses depois da proclamação como rei de D. João, duque de Bragança, o impressor lisboeta Domingo López Rosa põe à venda a anónima *Relacion de algvnas perdidas que tvvo Filippe IV. Rey de Castilla, para siempre já más. Amen.* Ao contrário da imensa quantidade de papéis impressos sobre as batalhas, encontros e desencontros entre os vizinhos ibéricos, esta irónica folha esclarece – aos olhos de outros lugares do continente – informação que tinha sido ocultada em relações e gazetas estrangeiras no que diz respeito à derrocada do império espanhol. Era preciso manter a pugna, e não apenas na fronteira com a Espanha, num empenho por reforçar a integridade de uma recente restauração monárquica que marcasse os limites (e a diferença) de uma política nova e poderosa. Assim, na sua capa, após o título, aparece o seguinte:

Stuve en Roma algun tiempo, y leyendo con a tenció los Avisos de Genova, Milan, y Napoles, paßados por la aprovación de Minißtros Caßtellanos.

A manipulação que exerce sobre a informação o poder decadente de Castela no resto da Europa é o motivo principal para a impressão desta relação. A questão da veracidade das notícias começa a adquirir, logo no confronto luso-espanhol, uma certa tendência para o descontrolo. E, porém, o desassossego dos portugueses perante esta vigilância materializa-se em milhares de papéis bem descarados distribuídos no próprio coração de Castela e em alguns países europeus, sobretudo naqueles onde os poderes da monarquia espanhola eram maiores. É um ataque preciso onde a informação se torna numa engenhosa arma de arremesso.

²⁰ É certo que se conserva maior quantidade de relações de sucesso deste tipo em bibliotecas portuguesas do que nas espanholas. Daí podemos deduzir que a produção e propagação de relações foi maior em Portugal do que em Espanha, pois não se quis dar demasiada importância a um conflito que poderia acentuar a crise num império enfraquecido.

²¹ A posição geográfica do território espanhol relativamente ao português fez com que o mar se tornasse na via para a saída de numerosas partidas com relações de sucessos impressas sobre o confronto entre os países ibéricos. Com destino a vários portos europeus, muitos destes papéis não chegavam a ser impressos, mas a sua versão manuscrita era comercializada com igual êxito (vide BOUZA ÁLVAREZ 2001).

C A R T A

DE VN SARGENTO PORTVGVEZ
DE VN TERCIO DE LA
guarnicion de Lisboa al Marquez
de Carracena sobre su voto al
Rey de Castilla.



Aliente eres Capitan, mas no baliente
Cortez, pues hablas sin cortezia en la
nacion Portugues; Señor Marquez yo
no sè, como su pluma no fue, de quien
más estimacion hizo en aquesta oca-
sion, porque tan lindo escribir, y tal modo de de-
cir, sè que no ha de compararla nunca el golpe de
su espada, que el colocar, y escreuir no es matar, ni
resistir; lo que importa Señor es, conoser que al
Portugues no le atemoriza nada, y que por más que
su espada prometa deguellacion, no ha de auer res-
tauracion, ni tampoco trasplantar, sino que toda
Castilla se nos venga a sugetar; Portugal arta expe-
riencia, puede tener Buexcelencia, en lo que an expe-
rimentado esos que lo han conquistado: mire el Prin-
cipe Don Iuan, y el Duque de S. German, mire D.
Luis el balido, mire como fue corrido, y Mar sin co-
mo

[...] conquistan ciudades fantásticas dandole el nombre que sua vana imaginacion les ofrece, teniendo con esta bella traça, suspendida la Italia, y la Germania, cuya gente vulgar (no trato de los Nobles porque estos conocen sus embelecocos...) mepareció bie poner en este pliego algunas victorias, q no lei en sus Relaciones.

Contudo, uma das grandes armas dos portugueses foi *Verdades portuguesas contra calumnias castellanas escritas en Relaciones y gazetas para desengño delos que las leyeren*, uma brochura informativa impressa com aspecto semelhante ao de uma relação em folha solta que saiu dos prelos de Lourenço de Anveres²² em 1645. O jogo retórico, ajustado ao bilinguismo²³ imperante no Portugal da época, era a solução para uma rápida expansão pela Península Ibérica, e o acerto da sua distribuição e circulação garantido desde a fronteira até ao interior de Espanha. Tendo procurado usar um castelhano singelo, o utilizado neste papel impresso em Lisboa revela um exercício crítico e propagandístico contra a maneira de fazer notícia em relações por *gaceteros* e *relatores* vindos de Castela para o Reino de Portugal. Esta é a réplica à manipulação informativa lusa face à informação manipulada espanhola dos seus impressos:

[...] Confiessen assi mismo las Villas, lugares, y plaças que les avemos ganado, y sustentamos en Castilla, pero si en sus almas lo dexamos, perderlo queremos, po'q no diran la verdad, que les amarga. Publiquenla los papeles que en este Reyno, en el de Francia, y Estados de Holanda, se an dado a la estafa: mas ajustados con ella, que sus invectivas, y apologos llenos de atreviminetos, y arrogancias despertadoras dela circumspección mas senzilla, del animo mas sincero.

[...] Cantar mal, y porfiar se puede dizir por el que escribe las gazetas pues sabiendo que se halla Castilla en estado, que ni sele permite el

²² Tipógrafo flamengo que imprimiu em Lisboa de 1641 a 1647. Ocupou vários postos públicos depois de ter renunciado à sua profissão de impressor: a *Gazeta em que se relatam as novas todas que nesta corte...*, publicada em Novembro de 1641, é considerado o primeiro jornal português. Foi publicada quase todos os meses entre 1641 e 1647. Este impressor também teve o privilégio de imprimir o *Baptisterio, A Semana da Villa Lobos*, e o *Flos Sanctorum* de frei Diogo do Rosário (cf. CANAVEIRA 1997).

²³ «[...] la capacidad de los portugueses para esparzir universalmente por todas las plazas del mundo unos y otros escritos, traducidos en todas lenguas...». In *Portugal Convenzida con la razón para ser vencida con las Cathólicas potentísimas armas...* Milão, pelos irmãos Malatestas, 1647. P. 5 (cit. em BOUZA ÁLVAREZ 1997). Para a questão do bilinguismo, vide Buescu (2000:51-66).

deshaogo de lamentar los males y afliciones, que la persiguen: nos quiere vender gato por liebre, como lo hizo narrando la victoria de Montijo.

[...] Vn consejo de amigo se pudiera dar al Autor de la gazeta, que escriba en ellas nuebas de la China, Iapón, Persia, o Turquía, y dirá todo quanto se le antojare, sin que nadie se lo demande, porque de luëgas vias luëgas mentiras, [...], mude de officio, hágase poeta mentirà con licencia haciendo coplas para ciegos, porque está conocida la intencion de sus prosas, [...] sobran Relatores; Autores de libros, y lo peor es, que para publicarlos, y engañar con ellos el vulgo ignorante...

São importantes os dados que daqui podem ser resgatados, já que fazem referência a exemplos sobre a produção e circulação das relações de sucessos durante os confrontos de que eram conscientes. Com poucas cópias de uma só edição impressa, a difusão informativa atingia lugares estratégicos da fronteira com grande facilidade:

[...] Pues imprimieron en Sevilla una relacion de aversele entregado diez y siete lugares nuestros, y entre ellos Yelves, Olivença, y Campo Mayor.

Críticas à parte, estes impressos chegavam com rapidez a isoladas localidades da fronteira onde a venda era garantida entre as suas pessoas letradas e daí a sua transmissão via oral ou a sua versão manuscrita. Em muitas ocasiões, a notícia proveniente de informação ouvida era a que circulava com mais celeridade (e também a mais alterada) através das vilas e povoações até à sua chegada à corte. No exemplo seguinte os portugueses falam da manipulação de uma informação sobre uma derrota espanhola no Mediterrâneo e a sua recepção em Madrid:

[...] llegò la nueba en duda a Madrid antes, que un Clerigo la llevase por la posta. Despacharon al camino un Escrivano que le notificò de parte del Consejo no la divulgasse, antes entrasse de noche apellidãdo por las calles, victoria, victoria...

Parte daquilo que acontecia – e que mais tarde se transformava em notícias através das relações de sucessos – era recolhido por outro tipo de manuscritos e impressos que monopolizou parte do protagonismo no mercado informativo da Europa da Idade Moderna: as *Cartas*. Este género

informativo convertia a informação privada em notícia pública sob o pretexto do interesse que muitas delas tinham para a opinião pública e, portanto, para a sua imediata comercialização. Editores e impressores encarregaram-se de produzir grandes quantidades delas e de as colocar em circulação, mas a sua maciça utilização para interesses propagandísticos pode ter sido mais do que suspeita²⁴. Realmente, as cartas de notícias foram utilizadas como reclamo nesta guerra de papéis e foram uma tentativa de recuperar o sentido perdido da informação genuína. Tanto *Copia de vna carta de Lisboa, de vn cortezano de Madrid: escrita a vn Señor de Titol de la Andaluzia, dandole noticia de los buenos progressos de España; gobernados por el Conde Duque* como *Copia de vna carta que ha escrito vn cavallero de Lisboa a vn correspondiente suyo, que viue en esta Ciudad de Barcelona, en la qual le da noticia de lo que passa por allà, y de vnas nueuas, y cosas notables, que ha referido el Capitan de vna Esquadra de vazeles Holandeses, que han llegado a la dicha Ciudad de Lisboa, a los vltimos de Abril del presente año de 1642*, impressas ambas em Barcelona, na imprensa de Jaume Romeu, relacionam-se com a comercialização de uma guerra impressa entre espanhóis e lusos e com a relação surgida entre a Catalunha e Portugal. A Catalunha observava com atenção os acontecimentos do restaurado Portugal, via-se continuamente reflectida no reino vizinho, pelo que o seu apoio à causa lusa era uma afirmação da sua própria posição nas relações com Castela. *Apoyos de la verdad catalana contra las obieciones de vna justificacion, que se hizo en nombre del Rey Catholico contra esta Prouincia* é a resposta por parte de Portugal para ajudar a revolta catalã e o seu contributo para provocar divergências internas numa Espanha rodeada de conflitos²⁵.

As lutas entre portugueses e espanhóis alastraram até 1668 e foi nessa altura que a produção das folhas informativas sofreu uma diminuição como consequência do aparecimento da *Gazeta* e do *Mercúrio* no panorama informativo. No entanto, a ideia de que esta guerra foi também uma

²⁴ Os impressores aperceberam-se rapidamente das imensas possibilidades comerciais que oferecia a informação escrita em forma de carta. A maioria das saídas das imprensas não foram epístolas na sua origem, mas o tratamento estilístico das notícias que continham foram o reclamo para uma venda certa e uma estratégia para a sua venda que remontava à sua fonte de origem e, portanto, à sua veracidade. *Vide* referência da página 10 deste artigo.

²⁵ Os conflitos históricos daquela altura entre Portugal e Castela, e por sua vez desta com a Catalunha, criam um sentimento de irmandade entre Portugal e a Catalunha onde o que acontece dentro dos seus territórios se reflectia em informações que chegavam e se trocavam. A existência desta ligação necessita de um estudo profundo que mostre o aspecto informativo das complexas relações entre a Catalunha, Portugal e Castela no século xvii.

batalha informativa evidencia-se nas palavras postas na boca de um anónimo – e presumível – sargento português na sua carta ao marquês de Caracena, alegando o fim da guerra contra Portugal:

... Señor Marquez yo no sè, como fu pluma no fue, de quien más estimacion hizo en aquesta ocañion, porque tan lindo eñcribir, y tal modo de dezir, sè que no ha de compararla nunca el golpe de fu eñpada, que el colocar, y eñcreuir no es matar, ni relñstir.²⁶

À procura da periodicidade. Diversificação e concorrência no mercado informativo de Lisboa

As relações de sucessos não eram as únicas folhas que levavam a informação às pessoas de Lisboa por volta do ano 1641. Restaurada a monarquia portuguesa pela proclamação do duque de Bragança como João IV, o mercado informativo ressentiu-se de novo perante as importantes mudanças que se aproximavam. Nesses anos, o seu privilégio como veículo de informação oficiosa parece desvanecer-se por causa de um novo produto saído das imprensas lisboetas: a *Gazeta em que se relatam as novas todas, que ovve nesta Corte*. Este caderno significava a entrada de um novo conceito tipográfico da informação, não apenas pelo seu avanço na direcção da periodicidade impressa, mas também porque se tornou o órgão informativo e publicitário oficial do reino de Portugal.

No dia 5 de Dezembro de 1641, e com algum atraso relativamente a outros países europeus, Lourenço de Anveres começa a produzir nos seus prelos esta publicação que retomarà, em parte, a missão que até aí tinha cabido às relações de sucesso. Alarga-se desta maneira o âmbito comercial da informação oferecendo um produto novo, sério e oficial. Mas, de que maneira o aparecimento da *Gazeta* ou o *Mercúrio* afectou as relações de sucesso? As notícias que continuam a aparecer frequentemente sobre o

²⁶ Carta de vn sargento portvgvez de vn tercio de la guarnicion de Lisboa al Marquez de Carracena *Sobre voto al Rey de Cañtilla*. Sin lugar ni fecha de impresi3n, 4 p. Biblioteca Nacional de Lisboa (RES. 1659²⁴ V.). O seu autor, Rui Fernandes de Almada, foi autor de outras cartas como esta (*Cartas halladas por un Soldado en la Ciudad de Evora en el dia, que la recuperaron los Portugueses*. Lisboa por Henrique Valente de Oliveira, 1663; *Carta de un Sargento Portuguez al Marquez de Caracena sobre la perdida de su exercito*. Sem ano de impress3o; *Carta do sucesso da Campanha para Jo3o Nunes da Cunha Vice-Rey da India, escrita por hum Soldado, que esteve com elle em Setubal*. Sem ano de impress3o). Para biografia vide Machado (1965-67:3, 660).

confronto com os castelhanos continuavam a ver-se reflectidas em folhas soltas (impressas e manuscritas), não diminuindo nem a sua comercialização nem a sua eficiência propagandística. Contudo é verdade que o aparecimento da gazeta como novo produto informativo contribuía para uma série de mudanças neste mercado. Estas transformações – formais e de conteúdo – correspondem ao modelo de fazer informação que estava a ser utilizado desde alguns anos atrás em França (com a *Gazette de Reanoudot*) e na Holanda (*HATIN* 1866). Talvez estas novidades servissem de estímulo para o mercado informativo português, porque em vez de se limitar à publicação da sua gazeta nos anos da Restauração, o número de publicações e papéis aumentou, reconstruindo-se, de alguma maneira, a informação comercial, cada vez mais perto dos produtos informativos e jornalísticos actuais.

A maior concorrência para as relações de sucessos é o aparecimento (na gazeta) de uma certa ordem no texto informativo e, portanto, de uma intenção de criar uma estrutura interna na informação (com toda uma série de esquemas retóricos bem definidos já utilizados nas relações...), uma distribuição das informações (aparecem novas vindas de fora) e, em todos os sentidos, uma hierarquização de notícias (CUNHA 1941:46-60). Igualmente rotulam-se notícias já diferenciadas de carácter cultural e necrológicas. Importante e determinante para a consolidação *a posteriori* de publicações periódicas impressas é o facto de, da regularidade ocasional das relações, se passar para uma periodicidade marcada mensalmente, perto já de constituir uma periodicidade diária, a gazeta aposta por um jornalismo europeu. Outro dos elementos que é preciso salientar para reafirmar a natureza da gazeta como produto informativo periódico é a introdução e citação da origem, mas não das fontes:

[...] As mais destas nouas sao colhidas de cartas, & pessoas dignaões de credito, que vierao de varias partes. E o que se diz do Bispo de Lamoga, se sabe por via da nao de Inglaterra a que veyo o mes passado: & de Italia auia já aquí carta, em que se diz que ficaua en Leorne donde so vay a Roma em de tres dias.²⁷

Muitos dos acontecimentos que, resumidos, eram publicados na gazeta apareciam pouco tempo depois – mais desenvolvidos – em relações de

²⁷ Tal como fazia Manuel Severim de Faria anos atrás, os encarregados de redigir as notícias da gazeta souberam mover-se entre as notícias já impressas ou manuscritas chegadas ao porto de Lisboa (cit. em CUNHA 1941:49).

sucessos, as quais continuavam a tirar partido da sua grande popularidade e extraordinária difusão. Esse jogo de convívio mercantil entre a gazeta e as relações de sucesso manteve-se até à década de 60 do século XVII, quando a guerra com Espanha chegou ao seu fim e a *Gazeta* (e depois o *Mercúrio*) já tinha deixado de existir.

Com este panorama de crescimento, Lisboa converte-se, passada metade do século XVII, num dos mais importantes centros tipográficos da Europa, facto que atraiu o interesse de inúmeros impressores do centro do continente que procuravam benefícios maiores em mercados em pleno desenvolvimento. É com esta intenção que Miguel Deslandes chega à capital lusa, por volta de 1669, proveniente de Thouars, e poucos anos depois instala a sua imprensa na central Rua da Figueira, na freguesia de Nossa Senhora dos Mártires, lugar próximo de outras oficinas tipógrafas de renome, conhecidas na cidade²⁸. Em finais da década de 70 começa a

²⁸ «Nome de família de impressores de origem francesa que trabalharam em Portugal a partir de 1669. Vindo de França naquele ano, Miguel Deslandes instala-se em Portugal onde virá a ostentar o título de impressor real em 1687, por morte de António Craesbeeck de Melo.

Miguel Deslandes era natural de Thouars, cidade francesa no Poitou, e foi casado com a filha do impressor e livreiro Jean de la Coste, tipógrafo francês que também trabalhou em Portugal e que havia adquirido o material tipográfico ao célebre Augustin Courbé. Miguel Deslandes residiu em Lisboa, em casa própria, na Rua da Figueira, na paróquia de Nossa Senhora dos Mártires. Deslandes herdou do sogro o material tipográfico e com ele imprimiu belas obras, ornadas com iniciais floreadas e vinhetas, que abriam com ricos frontispícios provenientes de trabalhadas gravuras de cobre. Imprimiu muitas obras em português, latim, espanhol, francês e italiano, nos mais diversos formatos. Entre as obras que imprimiu podem destacar-se a *História de Portugal Restaurado*, de D. Luís de Menezes, impresso em Lisboa em 1698, *Ley & Pragmatica porque v. Magestade há por bem declarar as mais Pragmaticas*, impressa em Lisboa no ano de 1698.

Por despacho de 1684 Miguel Deslandes naturaliza-se português para poder usufruir dos direitos de cidadania dos naturais do Reino. Em 1703, ano da sua morte, sucedeu-lhe na direcção da oficina régia seu filho segundo Valentim da Costa Deslandes, que recebeu muitos louvores do rei D. João V pelos trabalhos que imprimiu.

Valentim da Costa Deslandes sucedeu a seu pai na administração da oficina tipográfica com apenas 16 anos de idade. Em 1710, a casa passa a ter o nome de Oficina Real Deslandense e depois Oficina Real Deslandesiana. Enquanto impressor régio, Valentim Deslandes ocupou na corte os lugares de secretário do Tribunal da Cruzada, de executor dos Contos da Mesa da Consciência e Ordens e de tesoureiro do Armazém da Guiné e da Índia, cargos que a partir de 1715 passou a desempenhar em exclusivo, pois que trespassou a sua oficina e todo o material tipográfico a Pascoal da Silva» (trad.)

(CANAVEIRA 1997:25-26).

imprimir e a publicar todo o tipo de obras, destacando-se dos restantes impressores pela sua prolífica produção de relações de sucesso²⁹. A impressão destas folhas soltas, ainda rentável, e a baixa produção delas por parte dos restantes impressores de Lisboa, faz com que Miguel Deslandes se decidisse por resgatar este género, certo da sua venda fácil e rápida. No entanto, a estratégia editorial e comercial que levaria a termo não era uma novidade no âmbito da informação impressa. Tentando recompor e aproveitar ao máximo o êxito da *Gazeta* e do *Mercúrio*, toma do último – e de outras relações impressas por Henrique Valente de Oliveira³⁰ em meados do século – o esqueleto impresso das suas capas, de maneira que a informação contida na folha pode ver-se adiantada na capa após o título numa espécie de sumário. No seu trabalho como editor (onde demonstrou grandes conhecimentos), impressor e livreiro, soube manejar a informação para tirar dela a máxima rentabilidade. A sua visão do negócio informativo fez com que fosse mais além e, sabendo que a sua maior desvantagem era a publicação não marcada dos seus produtos, começou a aproximar-se da periodicidade (com uma frequência de publicação quinzenal) com a publicação seriada das suas relações, de maneira que todas as notícias aparecessem relacionadas de alguma forma³¹ sob o mesmo título que aparecia no cabeçalho, mas que continham sempre novas notícias em cada publicação. Estas foram algumas das suas relações *encadeadas*³²:

²⁹ Para além das relações de sucessos, Miguel Deslandes trabalhou com uma grande quantidade de sermões entre os quais se encontravam os do padre António Vieira, obra bem sucedida do seu tempo que conheceu extensas tiragens e várias reimpressões.

³⁰ Impressor português do século XVII, de cuja imprensa saiu em Janeiro de 1663 o jornal *O Mercúrio*. A linha editorial da publicação defendia a independência portuguesa face ao assédio espanhol, concentrando assim o seu conteúdo informativo nas guerras e batalhas que travaram os dois países ibéricos. Não obstante, também se dava atenção a notícias da vida mundana da época e continha uma secção sobre espectáculos públicos como as touradas. Este impressor foi tipógrafo dos duques de Bragança (CANAVEIRA 1997).

³¹ Sobre estratégia editorial e relações de sucesso vide Espejo; Bernal (2003) e Espejo (2004).

³² Antes de seriar as notícias, Miguel Deslandes já imprimia informações sob o cabeçalho de *Noticias*. Estas primeiras publicações de informação já se aproximavam do produto impresso final procurado por este impressor:

– *Noticias singulares de algumas cousas succedidas em a cidade de Constantinopla, depois da Rota de seu exercito sobre Viena o anno passado de 1683. enviadas a hum cavalleiro veneziano, & participadas por elle a outro de Malta, que reside fóra daquella ilha.* Lisboa: na officina de Miguel Deslandes, na Rua da Figueira, 1684.

Em 1685

- Relaçam dos ultimos successos de Inglaterra, & particularmente da vitoria insigne, alcançada pelas reaes armas do Senhor Rey da Gran Bretanha contra os rebeldes, com a prizaõ de Jacobo, Duque Monmouth... Publicada em a corte de Madrid em... 1 de Setembro de 1685. E divulgada nesta Lisboa em... 10 do mesmo mez. Anno de 1685.

Em 1686

- Quinta relaçam historica, pertencente ao estado, successos, & progressos da Liga Sagrada contra os Turcos: publicada nesta Corte de Lisboa a 13 de Agosto do anno de 1686.
- Decima-setima relaçam historica, pertencente ao estado, successos, & progressos da Liga Sagrada contra Turcos publicada nesta Corte de Lisboa a 6 de Dezembro do anno de 1686...

Em 1687

- Quarta relaçam historica, pertencente ao estado, successos, & progressos da Liga Sagrada contra turcos: publicada nesta Corte de Lisboa a 12 de Mayo, do anno de 1687.
- Vndecima relaçam e primeiras noticias de duas insignes vitorias alcançadas, a primeira pelas Armas de Mar, & Terra da... Republica de Veneza... publicada nesta Corte de Lisboa a 26 de Setembro do anno de 1687.

Em 1688

- Primeira relaçam historica, pertencente ao estado, successos, & progressos da Liga Sagrada contra turcos publicada nesta Corte de Lisboa a 10 de Abril do anno de 1688.
- Segunda relaçam historica, pertencente ao estado, successos, & progressos da Liga Sagrada contra turcos publicada nesta Corte de Lisboa a 27 de Abril do anno de 1688.
- Terceira relaçam historica, pertencente ao estado, successos, & progressos da Liga Sagrada contra turcos publicada nesta Corte de Lisboa a 25 de Mayo do anno de 1688.
- Quarta relaçam historica, pertencente ao estado, successos, & progressos da Liga Sagrada contra turcos publicada nesta Corte de Lisboa a 15 de Junho do anno de 1688.

– Noticias catholicas e politicas de Inglaterra que trouxeraõ os ultimos correynos do Norte, publicadas nesta Corte de Lisboa a 16 de Setembro, anno de 1687.

– Noticias do que se tem passado no exercito turco de Ungria, & em Constantinopla, desde o combate de Harsan, & vitoria dos imperiaes, ate 8 de Novembro de 1687. Lisboa: Na Off. de Miguel Deslandes, 1688.

– Noticias do estado das cousas de Inglaterra, vindas de Amsterdam, & de França a 3 de Janeiro de 1689.

– Noticias extraordinarias carta de Sua Magestade Cesarea ao Principe de Orange...: memorial dado na Junta de Ratisbona, pelo Deputado do Eleytor de Brandemburgo... Lisboa: na Off. de Miguel Deslandes, 1689.

- Quinta relação histórica, pertencente ao estado, sucessos, & progressos da Liga Sagrada contra turcos publicada nesta Corte de Lisboa a 6 de Julho do anno de 1688.
- Setima relação histórica, pertencente ao estado, sucessos, & progressos da Liga Sagrada contra turcos publicada nesta Corte de Lisboa a 30 de Julho do anno de 1688.
- Oitava relação histórica, pertencente ao estado, sucessos, & progressos da Liga Sagrada contra turcos publicada nesta Corte de Lisboa a 17 de Agosto do anno de 1688.
- Decima relação histórica, pertencente ao estado, sucessos, & progressos da Liga Sagrada contra turcos publicada nesta Corte de Lisboa a 11 de Setembro do anno de 1688.

Deslandes não fez senão conquistar um espaço próprio entre a concorrência informativa e tipográfica da cidade, conseguindo uma quantidade de contactos estáveis e, assim, monopolizar um material informativo do qual só ele tinha o privilégio da impressão. Por outro lado, a diversificação por temas diferentes e a atenção sobre acontecimentos internacionais valeram-lhe um público fiel e uma importante parte do sector de notícias de Lisboa. Como prémio de um extenso trabalho, passou a ser um dos impressores mais significativos – quebrando a hegemonia que a família de impressores Craesbeeck tinha em Portugal – do século XVII, e em 1687 é nomeado impressor real, abandonando nesses anos a produção de papéis de notícias para trabalhar nas magnas obras de autores portugueses de grande reconhecimento.

[Tradução de José Carlos André Matê]

Referências

FONTES

Impressas*

ALMADA, Rui Fernandes de

[s. d.] Carta de vn sargento portvgvez de vn tercio de la guarnicion de Lisboa al Marquez de Carracena [obre voto al Rey de Caſtilla. [S. l.; s. n.]

Apyos de la verdad Catalana contra las obiecion de vna justificacion, que ſe hizo en nombre del Rey Catholico contra eſta Prouincia. Com todas as licenças neceſſarias. Em Lisboa: Por Iorge Rodriguez, 1642

* A relação de documentos impressos que aqui aparecem recolhidos é constituída apenas por aqueles citados directamente no artigo. Este trabalho parte de uma grande quantidade de fontes impressas conservadas na Colecção de Impressos dos séculos XVI e XVII da Biblioteca Nacional de Lisboa. Foram consultadas também todas as edições conservadas da *Gaceta em que se relatam as novas todas...* e o *Mercurio portvgvez, com as nouas do mez...*

Copia de vna carta de Lisboa, de vn cortezano de Madrid: escrita a vn Jeñor de Titol de la Andaluzia, dandole noticia de los buenos progreßos de Eßpaña; gobernados por el Conde Duque. En esta segvnda impression van muchas çofas enmendadas, Jacadas de vna copia que ha venido de Paris. Impressa en Lisboa: Y agora ab Llicencia en Barcelona, en la Eßtampa de Jaume Romeu, deuant Sant Iaume, any 1641

Copia de vna carta qve ha escrito vn cavallero de Lisboa a vn correspondiente Juyo, que viue en eßta Ciudad de Barcelona, en la qual le da noticia de lo que paßa por allã, y de vnas nueuas, y çofas notables, que ha referido el Capitan de vna eßquadra de vazeles Holandeeß, que han llegado a la dicha Ciudad de Lisboa, a los vltimos de Abril del presente año de 1642. Ab Llicencia En Barcelona: en la Eßtampa de Jaume Romeu, deuant Sant Iaume, any 1642

GUERREIRO, Affonso

1581 [Relação] Das festas qve se fizeram na cidade de Lisboa, na entrada del Rey D. Philippe primeiro de Portugal. Lisboa: Em casa de Francisco Correa

MACHADO, Diogo Barbosa

1965-67 Bibliotheca Lusitana. 3.ª ed. Coimbra: Atlântida Editora. 4 vol.

Relacion de algvnas perdidas qve tvno Filippe IV, Rey de Caßtilla, para Jiempre jamás. Amen. [Colofón:] Com todas as licenças neceßarias. Em Lisboa: Na officina de Domingos Lopez Roça, 1642

Verdades portvgvesas contra calvmnias castellanas escritas en Relaciones y gazetas para desengaño delos que las leyeren. [Colofón:]Em Lisboa. Com todas as licenças neceßarias: Na officina de Lourenço de Anveres, 1645

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Marcia

1999 *Histórias de Cordéis e Folhetos*. Lisboa: Mercado de Letras

ALMEIDA, Cristina Ribeiro

2001 «Nos alvares do livro impresso: do despertar da consciência autoral à emergência da crítica literaria». In *De Gutenberg ao Terceiro Milênio* (2001:135-140)

ALVES, Luís Alberto Marques

1983 «Subsídios para a história da imprensa em Portugal». *Cadernos Estudos Contemporâneos*. Porto: Centro de Estudos Humanísticos. 1 (1983)

ANSELMO, Artur

1997a *Estudos de História do Livro*. Lisboa: Guimarães Editores

1997b «A palavra recôndita na Cultura Portuguesa da Época Barroca». *Revista Portuguesa de História do Livro*. Lisboa: Edições Távola Redonda. 1:1 (1997) 5-40

1997c «Aspecto do mercado livreiro em Portugal nos séculos XVI e XVII». *Revista Portuguesa de História do Livro*. Lisboa: Edições Távola Redonda. 1:2 (1997) 47-68

AROUCA, João Frederico de Gusmão C.

2001 *Bibliografia das obras impressas em Portugal no século XVII*. Lisboa: Biblioteca Nacional. 5 vol.

BELO, André

2001 *As Gazetas e os Livros. A Gazeta de Lisboa e a vulgarização do impresso: 1715-1760*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais

BELO, Filomena; ROCHA, Maria Manuela

1988 «Anatomia do primeiro periódico português». *Claro-Escuro: Revista de Estudos Barrocos*. Lisboa: Quimera. 1 (1988) 63-75

BOUZA ÁLVAREZ, Fernando

- 1997 «Para qué imprimir. De autores, público, impresores y manuscritos en el Siglo de Oro». *Cuadernos de Historia Moderna*. Madrid: Servicio de Publicaciones, Universidad Complutense. 18 (1997) 31-50
- 1999 *Comunicación, conocimiento y memoria en la España de los siglos XVI y XVII*. Salamanca: Seminario de Estudios Medievales y Renacentistas
- 2000 *Portugal no tempo dos Filipes: política, cultura, representações: 1580-1668*. Lisboa: Edições Cosmos
- 2001 *Corre manuscrito. Una historia cultural del Siglo de Oro*. Madrid: Marcial Pons, Ediciones de Historia
- 2002 «Cultura escrita e história do livro: a circulação manuscrita nos séculos XVI e XVII». *Leituras* (2002:63-93)

BUESCU, Ana Isabel

- 2000 *Memória e poder: ensaios de história cultural: séculos XV-XVIII*. Lisboa: Edições Cosmos

CANAVEIRA, Rui

- 1997 *Dicionário de tipógrafos famosos*. Lisboa: Agora Publicações

CARDIM, Pedro

- 1998 *Cortes e cultura política no Portugal do Antigo Regime*. Lisboa: Edições Cosmos

CASTELO-BRANCO, Fernando

- 1990 *Lisboa seiscentista*. Lisboa: Livros Horizonte

CASTILLO GÓMEZ, Antonio, coord.

- 2002 *La conquista del alfabeto. Escritura y clases populares*. Gijón: Ediciones Trea S.L.

CÁTEDRA, Pedro M.

- 1996 «En los orígenes de las epístolas de relación». In López Poza; Pena Sueiro (1996:33-64)
- 2002 *Invención, difusión y recepción de la Literatura Popular impresa: siglo XVI*. Mérida: Editorial Regional de Extremadura

CHARTIER, Roger

- 1993 *Libros, lecturas y lectores en la Edad Moderna*. Madrid: Alianza Editoria
- 1998 *Utilizações do Objecto Impresso*. Algés: Difel

CORTÉS CORTÉS, Fernando

- 1987 «La Extremadura Española en la Biblioteca Nacional, Lisboa: Notas para un catálogo de Gacetas, Mercurios, Relaciones y otros impresos útiles para la historia de Extremadura, 1640-1668». *Revista da Biblioteca Nacional*. Lisboa: BN. S. 2, 2:2 (1987) 123-160

CUNHA, Alfredo da

- 1898 «La presse périodique en Portugal». In *Bref mémoire présenté au cinquième congrès international de la presse, à Lisbonne*. Lisboa: Imprimerie Universelle
- 1941 *Elementos para a história da imprensa periódica portuguesa: 1641-1821*. Lisboa: Ottosgráfica, L.^{da}
- 1942 *Periódicos e Relações, Periodistas e Noticiaristas*. Lisboa: Ottosgráfica, L.^{da}

De Gutenberg ao Terceiro Milénio: actas. Congresso Internacional de Comunicação. Lisboa 6, 7 e 8 de Abril. Lisboa: Universidade Autónoma de Lisboa, 2001

DIAS, João José Alves

- 1996 *Craesbeeck: uma dinastia de impressores em Portugal*. Lisboa: Associação Portuguesa de Livreiros Alfarrabistas

DOMINGOS, Manuela D.

2002 *Estudos sobre a História do Livro e da Leitura em Portugal: 1995-2000*. Lisboa: Biblioteca Nacional

EISENSTEIN, Elizabeth L.

1991 *La révolution de l'imprimé dans l'Europe des premiers temps modernes*. Paris: Éditions la Découverte

ENTERRIA, María Cruz García de

1973 *Sociedad y poesía de cordel en el Barroco*. Madrid: Taurus

ESPEJO, Carmen

1998 «Los papeles del rey de Andalucía. Estrategias comunicativas en la nobleza en la Edad Moderna». In *Andalucía como ámbito de interés periodístico*. Sevilla: Padilla Libros Editores & librerías. P. 45-69

2002a «El origen epistolar de las Relaciones de Sucesos de la Edad Moderna». In Carlos Sáez Sánchez; Antonio Castillo Gómez, ed. – *Actas del Congreso Internacional de Historia de la Cultura Escrita*, 6. Alcalá de Henares, 2001. Madrid: Calambur. Vol. 1, p. 157-167

2002b «La cultura popular en la prensa de la Alta Edad Moderna». In M. Bernal, coord. – *Cultura Popular y Medios de Comunicación. Una aproximación desde Andalucía*. Sevilla. P. 81-98

2004 «Relaciones de suceso en torno al terremoto de 1775: estrategias de producción de los impresores sevillanos» [no prelo]

ESPEJO, Carmen; BERNAL, Manuel

2003 «Tres relaciones de sucesos del siglo XVII». *Revista de Información y Comunicación*. Sevilla: Universidad de Sevilla, Secretario de Publicaciones. 1 (2003) 133-174

ETTINHAUSEN, H.

1993 «Hacia una tipología de la prensa española del siglo XVII: de hard news a Soft porn». In I. Arellano; M. C. Pinillos; F. Serralta; et al., ed. – *Studia Aurea: actas del III Congreso de la AISO*. Toulouse, 1993

FIGUEIREDO, Fidelino de

1917 *História da Literatura Clássica: 1502-1580*. Lisboa: A. M. Teixeira

GARCÍA DE LA FUENTE, Víctor

1996 «Relaciones de suceso en forma de carta: estructura, temática y lenguaje». In López Poza; Pena Sueiro (1996:177-184)

GARZA MERINO

2000 «La cuenta del original». In Rico (2000)

HATIN, Eugène

1866 *Bibliographie historique et critique de la Presse Périodique Française*. Paris: Typ. de H. Firmin Didot

INFANTES, Víctor, coord.

2003 *Historia de la Edición y de la Lectura en España. 1472-1914*. Madrid: Edit. Fundación Germán Sánchez Ruipérez

LAPA, Albino

1956 *A palavra Lisboa na História do Jornalismo português*. Lisboa

Leituras – Revista da Biblioteca Nacional. Lisboa: BN. S. 3, 9-10 (2002). Tít. deste número: «O livro antigo em Portugal e Espanha: séculos XVI-XVIII / El libro antiguo en Portugal y España: siglos XVI-XVIII»

- El libro antiguo español. Ediciones Universidad de Salamanca, Publications de la Sorbonne, Sociedad Española de Historia del libro, 1998. Vol. 5
- LISBOA, João Luís
- 1991 *Ciência e Política: ler nos finais do Antigo Regime*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica: Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa. (Cultura Moderna e Contemporânea; 7)
 - 2001a «Adições às Gazetas: 1736-1742». In *De Gutenberg ao Terceiro Milénio* (2001:179-186)
 - 2001b «Entrevista com Roger Chartier». In *De Gutenberg ao Terceiro Milénio* (2001:29-39)
- LÓPEZ POZA, Sagrario
- 1999 «Peculiaridades de las relaciones festivas en forma de libro». In López Poza; Pena Sueiro (1999:213-222)
- LÓPEZ POZA, Sagrario; PENA SUEIRO, Nieves, ed.
- 1996 *Las Relaciones de Suceso en España: 1500-1750: actas del primer coloquio internacional*. Alcalá de Henares, 8, 9 y 10 de junio de 1995. Publications de la Sorbonne, Servicio de Publicaciones de la Universidad de Alcalá
 - 1999 *La fiesta: actas del Seminario de Relaciones de Sucesos, 2. A Coruña, 13-15 julio 1998*. A Coruña: Sociedad de Cultura Valle-Inclán
- MARQUILHAS, Rita
- 2000 *A Faculdade das Letras: Leitura e escrita em Portugal no século XVII*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda
- MARTINS, Rocha
- 1941 *Pequena história da imprensa portuguesa*. Lisboa: Editorial Inquérito. (Cadernos Culturais «Inquérito» série G. Crítica e História Literária; 15)
- OLIVEIRA, António de
- 1985 «A censura historiográfica no período filipino. Uma nota para o seu estudo». *Revista Portuguesa de História*. 22 (1985) 171-184
- PEREIRA, A. X. da Silva
- 1895 *O jornalismo português: resenha chronologica de todos os periodicos portugueses impressos e publicados no reino e no estrangeiro, desde o meiado do seculo XVII até á morte do saudoso Rei Senhor D. Luiz I; bem com dos jornaes em lingua estrangeira*. Lisboa: Typ. Soares
- PINHEIRO, J. E. Moreirinhas
- 1971 *Notícias Históricas de Lisboa na Época da Restauração. Extractos da Gazeta e do Mercúrio Português*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa
- PORTELA, Manuel
- 2003 *O Comércio da Literatura*. Lisboa: Edições Antígona
- PRESTAGE, Edgar
- 1915 *Ministros Portugueses nas Cortes estrangeiras no reinado de D. João IV e a sua correspondência*. Porto: Typ. da Empresa Litteraria e Typographica
 - 1916 *Dr. António de Sousa de Macedo: residente de Portugal em Londres: 1642-1646*. Coimbra: Imprensa da Universidade
 - 1928 *As relações diplomáticas de Portugal com a França, Inglaterra e Holanda, de 1640 a 1668*. Coimbra: Imprensa da Universidade
- REYES GÓMEZ, F. de los
- 1999 «Los impresos menores en la legislación de imprenta: siglos XVI-XVIII». In López Poza; Pena Sueiro (1999:325-338)

RICO, Francisco, coord.

2000 *Imprenta y Crítica textual en el Siglo de Oro*. Valladolid: Universidad de Valladolid, Centro para la Edición de los Clásicos Españoles

RIZZINI, Carlos

1977 *O Jornalismo antes da Tipografia*. São Paulo: Companhia Editora Nacional

ROCHA, Maria Manuela Martins

1990 *A promoção da imagem do rei D. Afonso VI e do governo de Castelo-Melhor no Mercurio Portuguez*. Dissertação de mestrado. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa

RODRIGUES, Teresa

1997 *Cinco séculos de Quotidiano. A vida em Lisboa do século XVI aos nossos dias*. Lisboa: Edições Cosmos

SAMPAIO, Albino Forjaz de

1929-42 «O Jornalismo: As “Relações” de Manuel Severim de Faria e as “Gazetas” da Restauração – Os “Mercurios” – Quem foi o primeiro periodista português?». In *História da Literatura portuguesa ilustrada*. Lisboa: Bertrand. Vol. 3, p. 220-236

SANZ HERMIDA, Jacobo

2003 «Un viaje conflictivo: relaciones de sucesos para *La jornada del Rey N. S. Don Felipe III deste nombre, al Reyno de Portugal: 1619*». *Península. Revista de Estudos Ibéricos*. Porto: Instituto de Estudos Ibéricos, Faculdade de Letras da Universidade do Porto. 0 (2003) 289-319. Tít. deste número: «Entre Portugal e Espanha, relações culturais: séculos XV-XVIII»

SERRÃO, Joaquim Veríssimo

1973 *A historiografia portuguesa*. Lisboa: Editorial Verbo. Vol. 2

SILVA, Luís A. Rebelo da

1879 *História de Portugal nos séculos XVII e XVIII*. Lisboa: Imprensa Nacional

SOUSA, José Manuel Motta de; VELOSO, Lúcia Maria Mariano

1987 *História da imprensa periódica portuguesa. Subsídios para uma bibliografia*. Coimbra: Coimbra Editora, L.^{da}

TEIXEIRA, Luís

1943 *Lisboa e os seus Cronistas*. Lisboa: Publicações Culturais da Câmara Municipal de Lisboa

TENGARRINHA, José

1989 *História da Imprensa periódica portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho (2.^a edição, revista e aumentada; 1.^a edição: Lisboa: Portugália, 1965)

VASCONCELOS, J. Leite de

1914 *Severim de Faria: notas biográfico-literárias*. Coimbra: Imprensa da Universidade

VIEGAS, Francisco

2001 «Comunicar, Comunicar». In *De Gutenberg ao Terceiro Milénio (2001:151-157)*